

Ministério depois do dia 15

BRASÍLIA — Não haverá alterações no Ministério depois do dia 15, pois o Presidente José Sarney entende que o resultado das urnas será uma consequência da atual disposição de forças entre o PMDB e o PFL. Alterações ocorrerão, após o pleito, mas na área econômica, com a atualização do Plano Cruzado. E o que afirma o Presidente à revista "Veja" que circula esta semana. No balanço que faz, da caminhada que o levou ao Palácio do Planalto, em março de 85, aos dias de hoje, Sarney sintetiza:

— Conseguimos, com uma grande obra de engenharia política, instituir no Brasil um regime civil. Mas é necessário andar muito mais do que já andamos até agora, para que nossas conquistas não sejam algo passageiro. Não podemos ter, aqui no Brasil, uma 'Primavera de Praga'. A passagem para a democracia ainda não está concluída.

Às vésperas do pleito, o Presidente

anuncia desde já a sua determinação de não mexer no Ministério em função das urnas. E explica: "O resultado da eleição não terá nenhuma influência sobre o meu Ministério. O equilíbrio de forças entre o PMDB e o PFL foi levado em conta quando formei o Ministério. O resultado eleitoral é consequência desse Governo".

As mudanças que pretende efetuar depois do dia 15 localizam-se na área econômica e dizem respeito à reforma do Plano Cruzado:

— O Plano Cruzado não é um fim em si mesmo. É um meio. Ele se destina a dar estabilidade econômica ao País. Havendo estabilidade econômica, há estabilidade política. Temos que corrigir, acertar pontos falhos, dentro do objetivo de melhorar a vida das pessoas. Não estamos mais na fase dos 'fiscais do Sarney'. Os 'fiscais do Sarney' nasceram de um momento de emoção. Hoje, o momento é de racionalidade.

Nesse plano de correções, está o reajuste das tarifas. Sarney esclarece: "Manter as tarifas baixas e cobrir as diferenças com ardil ou com queda nos serviços é iludir o povo. O usuário tem o direito de exigir um serviço à altura".

Sobre a Carta Magna que será elaborada pela Assembléa Nacional Constituinte, o Presidente afirma que o texto "pode fazer e criar mecanismos capazes de viabilizar a estabilidade das instituições democráticas. Política é um misto de sonho e realidade. Quando o sonho é agredido pela realidade, aparece algo que chamamos de crise. Prever tais momentos é um papel fundamental da Constituição, pois só assim podermos ter esperança de que o sonho sobreviva".

Nesse sonho, Sarney deixa claro que não inclui um segundo mandato:

— Sou contra. Não aceito a reeleição.

Presidente é capa nos EUA: 'O gigante desperta'

BRASÍLIA — "Na América Latina temos que provar que a democracia não é retórica política, mas regime justo. Se o povo não perceber nossa sinceridade, seria o pior que poderíamos fazer contra a democracia". Esta é declaração final do Presidente Sarney, publicada pela edição internacional da revista Newsweek desta semana, que dedica oito páginas a uma reportagem sobre o crescimento econômico brasileiro intitulada "Um gigante desperta".

Sarney é definido como homem genial e desprestensioso, que gosta de tiradas cômicas e se autodefine como "uma pessoa que fala demais". Sua habilidade, de acordo com Newsweek, trouxe-lhe justas recompensas, "como o índice de popularidade permanente de 80 por cento nas pesquisas, uma torrente de sucessos econômicos e a perspectiva de uma ampla vitória para o partido do Governo nas eleições gerais deste mês".

Esta posição nem sempre foi confortável: "Nos primeiros meses no cargo, sua disposição de impedir o encalhe do navio fazia as pessoas pensarem quando ele tentaria uma manobra qualquer", diz a revista sobre a situação definida pelo Presi-



Sarney, 'o operário do milagre'

dente como "Os 90 dias em que o Brasil caminhou no sentido da instabilidade institucional", revertida pelo Plano Cruzado.

"Neste momento — descreve Newsweek —, Sarney, em um gesto marcante, tomou o comando do processo, transformando a crise em oportunidade. A liderança do Presidente em sua cruzada iconoclastica contra a inflação foi uma jogada política inspirada. Os brasileiros não são conhecidos pelas fortes paixões políticas que inspiram — e que, frequentemente, destroem outros sul-americanos —, mas provaram que podem aderir a uma causa, varrendo a

inflação onde ela estivesse. Este estado de ânimo, de mudança total no pessimismo antes existente, foi levado a cabo por um homem que assumiu uma missão acidentalmente".

A reportagem lembra, ainda, sua passagem pelo regime militar, as origens liberais na ala "Bossa Nova" da UDN, o Governo que fez no Maranhão, quando não permitiu perseguições políticas. De acordo com a revista, a tarefa mais dura está à frente. "O Brasil não é um país com problemas; é um país com grandes problemas", disse Sarney a Newsweek. A reportagem destaca que, ao lado de um crescimento econômico de oito por cento, o Brasil luta com a falta de investimentos estrangeiros, juros elevados da dívida externa, déficit anual equivalente a cinco por cento do Produto Interno Bruto, graves conflitos de terra e distorções sociais. Mas as realizações brasileiras, segundo Newsweek, parecem prever um futuro brilhante. "Ninguém pode esperar que o Brasil, com suas riquezas, potencial e determinação, seja um país de segunda classe", diz o entrevistado. E Newsweek completa: "Esta visão é menos a de um profeta que a de um homem realista".